

REPENTE

Pólis - Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais - nº 25 - Outubro/06

Planejando atividades formativas



Editorial

Muitas vezes queremos preparar um encontro, uma oficina ou mesmo uma reunião, e não sabemos muito bem como fazer deles algo interessante e construtivo. Como não repetir o formato tão criticado das aulas numa escola tradicional? Como estimular que as pessoas saiam de uma posição passiva, como espectadores, troquem experiências e se envolvam apaixonadamente pelo tema? Como fazer para que as pessoas sejam participantes ativas e saiam de lá de fato com novos conhecimentos?

Muitos educadores propuseram e experimentaram formas de trabalhar que facilitam atingir estes objetivos. Fazer um bom planejamento do encontro, levando em conta uma concepção metodológica participativa pode ser o primeiro passo.

Para auxiliar você no seu papel de educador, elaboramos a série *Repentes pedagógicos*. Pretendemos que este número do Boletim Repente seja o primeiro de outros.

Neste boletim, apresentaremos o que entendemos por uma concepção metodológica participativa, um pouco da história da educação popular, o papel do educador e daremos algumas dicas de como planejar uma atividade formativa.

O que é uma concepção metodológica participativa?

Uma concepção metodológica participativa valoriza o conhecimento produzido coletivamente, por meio de muito diálogo. Esta concepção participativa leva em conta que educador e educando possuem conhecimentos diferentes, que compartilham entre si e os recriam. O educador também é aprendiz, assim com o educando também é educador.

É sempre bom lembrar que somos educadores em muitos momentos da nossa prática cotidiana e não apenas em aulas, com professores e alunos sentados em cadeiras. Quando estimulamos as pessoas a trocarem experiências, refletirem, planejarem, avaliarem suas práticas, se organizarem, buscarem novos conhecimentos estamos também sendo educadores.

Para planejar uma atividade coerente com esta concepção participativa, precisamos ter clareza sobre a metodologia e as técnicas que utilizaremos.

Mas o que é mesmo uma metodologia?

A metodologia é o conjunto de princípios e estratégias que dão as bases para as nossas práticas formativas. Existem várias metodologias, uma delas é a concepção participativa que descrevemos acima. Uma metodologia se traduz em métodos e técnicas.

O que são métodos?

Para colocar a metodologia em prática, utilizamos distintos métodos, que fazem a adequação da metodologia à realidade concreta com que estamos lidando. Por exemplo, a forma com que trabalhamos um tema não será igual para um grupo de jovens da periferia de uma grande cidade e para um grupo de trabalhadores rurais aposentados. Há um método para trabalhar com cada realidade.

O que são técnicas?

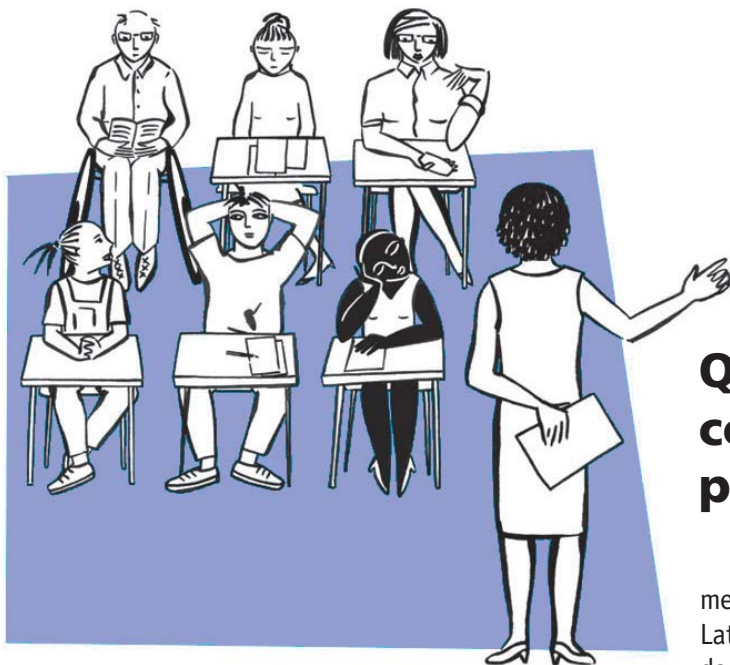
Já as técnicas são as ferramentas utilizadas para colocar em prática os métodos, como, por exemplo, dinâmicas de grupo, jogos pedagógicos, dramatizações e recursos audiovisuais. As técnicas utilizadas devem ser escolhidas de forma a melhor articular a teoria e a prática.

Quando um palestrante fala num palco, com

um microfone, e com pouco tempo para a platéia fazer perguntas, não está adotando uma metodologia participativa. Especialmente quando o grupo é muito grande, precisamos utilizar a técnica do palco e do microfone. Mas é possível fazer isso, estimulando a participação das pessoas. Por exemplo, preparando com antecedência a fala dos palestrantes, situando no início da atividade todos os participantes sobre qual tema será debatido, preparando apresentações com recursos audiovisuais ou entregando materiais por escrito que permitam o acompanhamento da palestra, incentivando o grupo por meio de perguntas provocadoras e reservando tempo suficiente para o debate, além de estimular o grupo a perguntar e a se manifestar.

Mas muita atenção: não é a simples utilização de uma determinada técnica que assegura uma concepção metodológica participativa, pois existem muitas práticas de educação que parecem participativas e na realidade reproduzem práticas autoritárias. Por exemplo, alguém pode utilizar um vídeo, ou propor uma dinâmica de teatro, e depois não levar em conta aquilo que as pessoas entenderam daquele teatro ou vídeo.





Qual é então o papel do educador?

O educador deve partir do conhecimento dos educandos para ajudá-los a ir além. Ele os estimula a valorizar o seu próprio conhecimento, a examiná-lo criticamente e a superá-lo, agregando novos conhecimentos.

Mais do que repetir muitas palavras, o educador ensina com a sua prática. Ele prefere o método da descoberta ao da mera transmissão, pois não acredita que o educando seja um “copo vazio”.

Ele estimula que os educandos tenham uma atitude de pesquisa, de busca de novos conhecimentos. E como ele pode fazer isso? Ora por meio de perguntas, ora com o silêncio, para que cada um tenha tempo de fazer sua própria reflexão. Ele espera que os educandos se manifestem e ajuda-os a terem auto-confiança para a busca de novos aprendizados.

O educador não é superior aos demais, mas ele exerce, naquele momento, um papel de liderança. Esta liderança deve ser usada para permitir que o grupo descubra, perceba, reflita e planeje sobre a prática. Ele atua como motivador, estimulador e facilitador do debate. O educador deve ser flexível, mas deve evitar se omitir. É comum alguém ter receio de ser autoritário, e não conduzir a atividade, deixando que o grupo perca de vista seus objetivos e fazendo com que a atividade seja cansativa e dispersa. Por outro lado, deve evitar também o abuso do seu papel como liderança, que pode ser exercido de várias maneiras. É comum, por exemplo, alguém propor grupos de discussão para resolver um determinado problema, mas no final da reunião trazer uma proposta pronta que não foi debatida por nenhum dos grupos. (inspirado no texto “Metodologia da Práxis e a formação dos trabalhadores”, de Marcos Arruda, que está disponível no site do Pólis: www.polis.org.br)

Quais são as raízes da concepção participativa?

Muita gente ajudou a construir concepções metodológicas participativas. No Brasil e na América Latina, as experiências da “educação popular” foram das mais marcantes. Ela foi desenvolvida e experimentada por pastorais religiosas, e pelos “novos movimentos sociais”. Esses movimentos, marcados pela Teologia da Libertação e pelo pensamento marxista, valorizavam a análise crítica da realidade, e a importância da explicitação dos conflitos e das contradições existentes na sociedade.

Saiba mais

- **Antonio Gramsci** foi um importante pensador marxista. Seus escritos contribuíram com muitos pensadores da educação popular. Ele afirma que a história é feita de conflitos e a realidade é múltipla, complexa e contraditória.

- **Oscar Jara**, educador peruano e costarricense, enfatiza que o processo de construção do conhecimento se dá na relação entre ação e reflexão. Este autor afirma que “conhecemos a realidade para transformá-la”. Para saber mais sobre essa concepção, consulte o livro “Para sistematizar experiências”, de Oscar Jara, Ministério do Meio Ambiente, Governo Federal, Brasília, 2006.

- **Paulo Freire**, educador brasileiro, continua sendo uma referência fundamental para uma concepção de educação democrática e participativa. Ele afirma que a educação não se dá pela “transferência” de conhecimento, mas pela apropriação e recriação coletiva do conhecimento. Educador e educando aprendem e ensinam um ao outro. Para saber mais sobre sua concepção de educação, consulte “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2002, 41ª edição.

- Além desses pensadores, sugerimos consultar: “Estórias de quem gosta de ensinar”, de Rubem Alves, Editora Papyrus, Campinas, 2001.

Sugestão de roteiro para planejar a atividade formativa

Ao planejar uma atividade formativa há um momento prévio em que se deve reunir-se com o grupo com o qual desenvolveremos a atividade. Neste momento, algumas perguntas podem ajudar:

- **QUEM:** quem serão os participantes, contexto em que vivem, quantos são, se há características especiais do grupo, quais são as expectativas etc. Os educadores e educandos terão papéis críticos e criativos de recriar o método de trabalho em cada situação concreta.
- **PARA QUE:** quais são os **objetivos** gerais que se pretende alcançar com a atividade.
- **O QUÊ:** qual é o **tema** que sintetiza o conteúdo a ser abordado, a partir da realidade do grupo e em função de uma visão analítica e teórica que se pretende alcançar.
- **POR MEIO de QUE:** escolha de um recorte (um viés) do tema geral. É o **eixo que agregará**

os diversos conteúdos do curso. Esta escolha serve para evitar a tendência de escolher temas muito amplos, que podem se tornar vagos. Quando são feitos vários encontros, este recorte ajuda também a alinhar os vários encontros e a facilitar uma seqüência entre eles. Por exemplo, se o tema geral for história do Brasil, o eixo agregador pode ser as lutas populares na história do Brasil.

- **COMO:** **método** e formato geral da atividade, de acordo com as condições objetivas do grupo que incluem número de pessoas, tempo e recursos disponíveis. Por exemplo: definir se será um seminário, um curso, ou uma oficina, se será uma seqüência de atividades ou uma única.

- **ONDE:** **onde** serão as atividades, como estará organizada a sala. É importante observar as condições do espaço físico e os equipamentos disponíveis. Elas influirão na escolha de técnicas a serem utilizadas.

Elaborando o plano da atividade

A partir das definições acima, deve ser elaborado um plano específico contendo:

- **Objetivos específicos:** o que se pretende com o trabalho daquela atividade como desdobramento do objetivo geral do programa.
- **Temas específicos:** conteúdos extraídos do tema geral e do eixo temático do programa. É importante saber selecionar os aspectos mais importantes do tema e dosar sua apresentação de acordo com as condições do grupo e do tempo disponível.
- **Cronograma:** seqüência dos procedimentos e técnicas a serem utilizados para que se possam atingir os objetivos específicos e trabalhar os conteúdos definidos. É importante aqui delimitar o tempo de cada atividade. É sempre bom deixar um

tempo no final para a avaliação e possíveis encaminhamentos.

- **Avaliação:** embora faça parte do cronograma, queremos lembrar sua importância para medir o sucesso da atividade e verificar os problemas ocorridos, que exigirão uma certa “correção de rumos” para a próxima atividade.

- **Atividades extra:** sempre que o desenho do programa possibilitar, é interessante combinar atividades presenciais, desenvolvidas com a presença do educador(a), com atividades não presenciais, que podem ser desenvolvidas individualmente ou em grupo, antes da próxima atividade. O importante é que a atividade esteja claramente explicada (vale um roteiro específico para auxiliar na sua realização) e que os seus resultados sejam recuperados no encontro seguinte.

REPENTE: Participação Popular na Construção do Poder Local – é um boletim editado pelo Instituto Pólis para divulgar informações e contribuir na formação de participantes de Conselhos de todo o país e pessoas interessadas em construir e fortalecer espaços participativos e de exercício da cidadania ativa.

EXPEDIENTE: PÓLIS – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais - Organização Não-Governamental de atuação nacional, constituída como sociedade civil sem fins lucrativos, apartidária e pluralista. Seu objetivo é a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento sustentável, a ampliação dos direitos de cidadania e a democratização da sociedade. Rua Araújo, 124. CEP: 01220-020. São Paulo - SP. Tel. (0xx11) 2174-6800 / Fax. (0xx11) 3258 3260. E-mail: participacao@polis.org.br - <http://www.polis.org.br>. Responsáveis: Ana Claudia C. Teixeira, Lizandra Serafim e Mateus Bertolini de Moraes. Colaboradores: Maria do Carmo Albuquerque, Inácio da Silva, Paula Pollini, Viviane Nebó, Pedro Pontual. Equipe editorial: Paula Santoro e Iara Rolnik Xavier. Revisão de texto: Iara Rolnik Xavier. Edição: Antonio Kehl. Ilustrações: Patrícia Maria Woll. Este material foi viabilizado financeiramente pelo Ministério da Saúde, através do Projeto União dos Movimentos Populares de Saúde (UMPS) - Pólis e pelo Comitê pela Democratização da Informática (CDI).

O Instituto Pólis integra o Fórum Nacional de Participação Popular.

